

Explosão em hospital de Gaza mata centenas e gera guerra de narrativas

Ataque a hospital mata centenas

Israel afirma que explosão foi causada pelo grupo extremista Jihad Islâmica. O Hamas responsabilizou o governo israelense

No episódio mais letal desde o início da guerra no Oriente Médio, centenas de pessoas morreram em ataque aéreo a um hospital que abrigava milhares de civis no centro de Gaza ontem.

O Ministério da Saúde local, que é controlado pelo grupo terrorista Hamas, disse que o total de vítimas chegou a mais de 500, embora o número exato ainda não esteja claro, e acusou Israel pelo bombardeio. O governo israelense nega a autoria do ataque, que ocorreu na véspera da visita do presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, à região.

Fotos do Hospital Al-Ahli mostraram fogo consumindo os corredores, vidros quebrados e partes de corpos espalhadas. O Hamas, que governa a região, também informou que havia centenas de vítimas sob os escombros.

Hospitais de Gaza tornaram-se refúgios para centenas de pessoas, na esperança de serem poupadas dos bombardeios ou porque perderam suas residências nos ataques dos últimos dias. "O hospital abrigava centenas de doentes e feridos, bem como pessoas deslocadas à força", afirmou o Ministério da Saúde de Gaza, em comunicado.

O presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas, rival do Hamas, declarou três dias de luto, chamou o ataque de "genocídio" e cancelou a reunião que teria hoje com Biden.

Emergência

Após o ataque, a Rússia e os Emirados Árabes Unidos pediram a realização de reunião de emergência do Conselho de Segurança das Nações Unidas (ONU) hoje. A reunião que aconteceria ontem para votar projeto de resolução apresentado pelo Brasil foi adiada (leia mais ao lado).

O Exército israelense disse que o hospital não estava entre os seus alvos e responsabilizou a Jihad Islâmica, outro grupo armado palestino, pelo bombardeio. Em uma postagem em rede social, o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, chamou os integrantes da Jihad Islâmica de "terroristas bárbaros" e afirmou que o grupo tinha como alvo o território de Israel. Aqueles que assassinaram brutalmente os nossos filhos também assassinaram os seus próprios filhos", escreveu o premier.



Casas de saúde da região conflagrada se tornaram refúgio para civis

As Forças Armadas de Israel chegaram a divulgar um vídeo que mostraria o foguete perdendo altitude paulatinamente. O porta-voz Daniel Hagari afirmou, em entrevista coletiva, que, pela forma como explodiu, o foguete não poderia fazer parte do arsenal israelense. No passado, foguetes disparados por radicais palestinos já falharam e atingiram civis em Gaza.

Crime

A Jihad Islâmica, aliada do Hamas, negou a acusação de Israel.

– Isso é uma mentira e uma invenção, é completamente incorreto – afirmou Daoud Shehab, porta-voz da Jihad Islâmica, à agência Reuters.

Segundo a Convenção de Genebra de 1949, atacar intencionalmente hospitais e instalações de saúde civis durante conflitos é considerado crime de guerra.

No Líbano, o grupo xiita Hezbollah também responsabilizou Israel e prometeu "um dia de fúria" hoje, dia da visita de Biden a Israel, em protesto.

Após o ataque, manifestantes tomaram as ruas de diversas cidades do Oriente Médio e do Norte da África.



“O mundo precisa saber. Quem atingiu o hospital em Gaza foram terroristas bárbaros, não o Exército de Israel.”

BENJAMIN NETANYAHU
Primeiro-ministro de Israel

“Os ocupantes estão tentando encobrir a crime horrível e o massacre que cometeram contra os civis.”

DAOUD SHEHAB
Porta-voz da Jihad Islâmica

Biden embarca, mas reunião com líderes árabes é cancelada

O ataque ao hospital, que ocorre em meio à piora da situação humanitária na Faixa de Gaza, afetou o esforço diplomático para amenizar a tensão na região.

No começo da noite de ontem, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, embarcou para Israel, mas o seu encontro com o rei Abdullah II, da Jordânia, e os presidentes do Egito, Abdel Fatah Al-Sisi, e da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas, para discutir a crise em Gaza, foi cancelado. A reunião com Benjamin Netanyahu, para prestar solidariedade e apoio, está mantida.

O encontro com os demais países iria ocorrer em Amã, capital da Jordânia. Em comunicado, os governos alegaram que “não faz sentido discutir qualquer coisa agora, que não parar a guerra”.

Antes de embarcar, Biden expressou condolências às famílias das vítimas do ataque, mas não se manifestou sobre a autoria.

“Eu estou indignado e triste pela explosão no hospital de Al-Ahli em Gaza e pela terrível perda de vidas. Assim que ouvi a notícia, eu conversei com o rei Abdullah II, da Jordânia, e o primeiro-ministro Netanyahu, de Israel, e determinei que minha equipe de segurança nacional siga juntando informações”, diz a nota divulgada pela Casa Branca.

Soldados

Também ontem, o secretário de Defesa americano, Lloyd Austin, confirmou que foram colocados 2 mil soldados “em alerta máximo com ordem de prontidão para mobilização”. O objetivo, segundo o comunicado, é “responder rapidamente à evolução do entorno de segurança no Oriente Médio”. Os Estados Unidos já enviaram dois porta-aviões para a região “para dissuadir ações hostis contra Israel”, disse Austin.

Conselho da ONU adia votação de resolução

Prevista para ontem, a reunião do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) em que seria votado o projeto de resolução apresentado pela diplomacia do Brasil a respeito do conflito entre Israel e Hamas acabou adiada. O texto condena nominalmente o Hamas pelos ataques contra o território israelense no dia 7 e exige a libertação dos reféns. Em contrapartida, pede o fim da retenção de bens e serviços a civis e a revogação da ordem de evacuação do norte da Faixa de Gaza (leia abaixo).

O adiamento foi confirmado horas após o bombardeio do hospital em Gaza. O Brasil, que está na presidência do conselho este mês, estava em busca de apoio para aprovar a resolução. São necessários ao menos nove votos e não pode haver veto de nenhum dos cinco membros permanentes: Estados Unidos, Reino Unido, China, França e Rússia.

Na segunda-feira, uma proposta da Rússia foi rejeitada. O texto previa “imediate cessar-fogo” e não fazia menção direta ao Hamas.

O que diz a proposta

CONDENAÇÃO DA VIOLÊNCIA

O texto condena “toda violência e hostilidades contra civis e todos os atos de terrorismo” e cita especificamente os “ataques terroristas atrozes do Hamas”.

REFÉNS

Pede a libertação imediata dos reféns civis (mantidos pelo Hamas), “demandando por sua segurança, bem-estar e tratamento humano”.

ORDEM DE EVACUAÇÃO

Exige que seja revogada ordem de Israel para que civis deixem o norte de Gaza.

RETENÇÃO DE BENS E SERVIÇOS

Prevê que seja garantida a “provisão de bens e serviços essenciais para civis, incluindo eletricidade, água, combustível, alimentos e suprimentos médicos” à população.

AJUDA HUMANITÁRIA

Cobra o acesso de organizações humanitárias à região e o incentivo a “corredores humanitários”.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Página: 8